

EDUCAÇÃO DO CAMPO E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO MST COMO FORMA DE INTEGRAR OS SUJEITOS DO CAMPO NA ESCOLA MUNICIPAL ZUMBI DOS PALMARES NO MUNICÍPIO DE MARI-PB

Lenira Lins da Silva¹
Edivaldo Carlos de Lima²

Universidade Estadual da Paraíba
Leniralins.gba@gmail.com; edvaldo.edvlima@gmail.com

INTRODUÇÃO

O foco deste trabalho será pautado em discussões acerca das propostas pedagógicas estabelecidas pelo movimento social sem-terra (MST), voltado para a realidade dos assentados e acampados. Movimento este, que vem travando incessantemente uma luta por uma educação de qualidade, de acordo com a realidade do campo.

A educação do campo, é uma modalidade de ensino segundo documentos oficiais, pensado e direcionada aos estudantes dos espaços denominados rurais, seja floresta, agropecuária, das minas e da agricultura, pesqueiros, a populações ribeirinhas, caiçaras e extrativistas (BRASIL, MEC/CNE, 2001). É uma categoria que envolve todos os sujeitos do campo, ou seja, seria voltado para a formação da população rural como sujeitos de direitos.

Partindo de elementos totalmente inovadores por meio de uma proposta de educação que liga o movimento a suas causas políticas e sociais. É uma educação que parte da construção de paradigmas teóricos e também políticos Caldart (2008). Para a autora seria uma forma de posicionar a escola como um território de lutas e conquistas, com objetivos direcionados para as diversas realidades existentes no campo.

A educação do campo nasceu em um momento marcado por luta e resistência do trabalhador camponês, que juntos compartilharam uma reflexão profunda acerca da necessidade de ser disponibilizado uma educação para as crianças dos cidadão acampado e assentados. Sendo necessário também, pensar que tipo de educação oferecer, foi nesta perspectiva que o MST articulou uma pedagogia própria que atendesse em primeiro momento os estudantes dos anos iniciais Caldart (2008). Para implantar essa pedagogia houve a necessidade de lutar por escolas e políticas públicas voltadas para esse contexto com aspectos que envolvessem a realidade desses sujeitos.

Atualmente, várias escolas do campo estão exercendo um papel importante da formação que parte do coletivo, que está vinculado a transformação e formação dos camponeses. No entanto essa concepção depende de um conjunto de relações que envolve diretamente a conexão com o mundo do trabalho da cultura e do próprio trabalhador Molina, Sá (2012). Neste contexto a escola deve buscar trabalhar na construção de práticas que leve os camponeses a compreender a importância de manter viva a história construtiva das lutas dos movimentos sociais, que envolve as questões agrária, políticas, educacionais, como forma de resistência ao sistema capitalista do agronegócio, que cresce no campo promovendo as desigualdades sociais. A escola tem esse papel de manter viva as lutas e conseqüentemente fortalecer os movimentos, para que

¹ Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba Campus III- Guarabira. Membro do CEAT- Centro de Estudos Agrários e do Trabalho. Bolsista PIBIC, sob orientação do professor Dr. Edivaldo Carlos de Lima.

² Professor do Departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. Coordenador do CEAT- Centro de estudos Agrários e do Trabalho.

se mantenham em resistência, apenas é, possível através do desenvolvimento intelectual trabalhado nas escolas do campo partindo da própria realidade do campesinato.

No entanto ainda temos escolas do campo, que mantêm uma metodologia tradicional urbanista. No qual não vem trabalhando com as particularidades do campo. Sem uma pedagogia voltada para esse contexto, segue o mesmo currículo e calendário das escolas urbanas. Podemos definir este ponto como um problema sério, que deve ser refletido, já que estamos falando de contextos totalmente diferentes com identidades e realidades distintas. Sendo importante desenvolver projetos e práticas para transformar as mesmas em escolas do campo (MOLINA, 2012) que trabalhe questões políticas, agrária, ambientais, conflitos. Apesar de termos políticos em vigor elas ainda não funcionam com eficácia deixando as políticas dos assentamentos de toda forma reféns e sem autonomia própria.

O objetivo da pesquisa será analisar como está sendo desenvolvido na escola do campo que está sendo pesquisada, essas propostas pedagógicas pensadas pelos movimentos sociais. Buscando evidenciar principalmente os aspectos fundamentais das propostas estabelecidas pelo MST, e os desafios metodológicos enfrentados pelos professores nos acampamentos e assentamentos.

Desta forma sendo primordial durante a pesquisa, além do conhecimento teórico conhecer na prática o funcionamento da educação do campo na escola municipal Zumbi dos Palmares localizada no município de Mari-PB, que oferta essa modalidade de ensino, para que seja possível propor práticas e metodologias que coincide com essa realidade, mostrando que é possível desenvolver uma educação do campo. Propor também aos diretores e professores trabalhar a agroecologia em uma perspectiva metodológica fortalecendo esse conceito de sustentabilidade na escola, reforçando essa ideia por meio de palestras e minicursos ofertados durante a pesquisa, fazendo-se pensar sobre a importância de construir a conscientização ecológica dentro da escola, que refletirá de forma positivo no desenvolvimento da comunidade futuramente.

METODOLOGIA

Enquanto metodologia, tratará de uma pesquisa em âmbito materialista histórico e dialético. Oriundo do pensamento crítico marxista, considerando a totalidade dos fatos em um conjunto de determinações e processos histórico, baseando-se em elementos que envolve transformações e mudanças em âmbito social. Recorrendo em primeiro estante à uma vasta bibliografia que trata de perspectiva voltadas para o pensamento da educação do campo. Neste caso será atrelado a teoria a realidade observada durante as pesquisas de campo.

A pesquisa será desenvolvida na escola do campo, no assentamento Zumbi dos Palmares localizada no município de Mari-PB no agreste paraibano, no qual em primeiro momento o objetivo será participar de algumas aulas na escola pesquisada. Em seguida se possível será proposto a ideia de realizar uma palestra envolvendo alunos e professores e toda coordenação da escola, afim de conscientizar e afirmar a importância de uma educação voltada para a população do campo. Na terceira etapa será desenvolvido um minicurso com duração de quatro horas que contará com a participação de professores, alunos no qual será trabalhado e desenvolvida algumas práticas pedagógicas.

No final será aplicado questionários com perguntas semiestruturadas com intuito de verificar a eficácia das práticas desenvolvidas. E analisar a opinião dos estudantes e professores, de toda coordenação pedagógica se as atividades chegaram a contemplar as expectativas dos sujeitos da escola pesquisada. Ao fim da pesquisa queremos abrir espaços de discussões acerca da eficácia e reconhecimento dessas práticas pedagógicas na escola que será visitada. Para que sejamos capazes de compreender e reconhecer esses cidadãos com sujeitos de direitos em suas lutas, sob diversos desafios que envolve econômicos culturais, políticos e principalmente a

educação como forma de emancipação e integração desses sujeitos em sua comunidade e na sociedade como um todo.

Resultados e Discussão

Este trabalho é um ensaio das reflexões iniciais que ainda está sendo desenvolvido no programa de iniciação científica (PIBIC) na universidade Estadual da Paraíba. Por se tratar de uma pesquisa que está em andamento, ainda não há resultados de análises a ser apresentados, dessa forma as discussões se dará de forma conceitual baseado na bibliografia de autores como Molina, Caldart, Silva, Dias, Fernandes, Freire, entre outros. Que trabalham nessa perspectiva conceitual da educação do campo desenvolvida pelos movimentos sociais e principalmente com influência do MST, que desenvolveu uma pedagogia com fundamentos voltados para o desenvolvimento de práticas metodológicas próprias.

O objetivo central está voltado para uma reflexão acerca das práticas desenvolvidas nas escolas do campo na paraíba, bem como os impactos dessa modalidade na formação e construção dos discentes. Outro ponto a ser discutido é como está configurado as políticas pedagógicas voltada para essa escola, a partir do desenvolvimento de práticas e metodologias adequada a essa realidade. É baseado nos princípios educacionais do MST que iniciaremos as investigações com intuito de diagnosticar como se dá os processos educacionais neste assentamento, em detrimento dos desafios e dificuldades para manter uma educação de qualidade no campo. Durante a pesquisa será sugerido junto a coordenação da escola, práticas educativas por meio de palestras, minicursos, para ao final entender como se dá o processo de valorização da identidade, a partir da educação desses sujeitos do campo. Baseado nos princípios educacionais pedagógicos e metodológicos do MST.

A luta do MST por uma educação verdadeiramente do/no campo parte do processo de humanização da população rural por meio da educação e da prática diferenciadas que está ligado diretamente à terra. O movimento acredita que a educação é uma porta aberta para a cidadania e emancipação de homens e mulheres assentados e acampados. A emancipação é uma forma de se libertar do ensino ‘bancário’ propagado na sociedade Freire (1996). Para o autor essa é uma forma que prepara e fortalece o movimento para lutar por interesses coletivo no processo de reforma agrária e manutenção do espaço rural como território.

Um dos princípios pedagógicos metodológicos estabelecido é exatamente o fato do aprendizado nas escolas dos assentamentos partir da realidade, não só do cotidiano, mas trata-se da história vivenciada pelos educandos em toda trajetória até sua permanência nos assentamentos. No qual o conteúdo abordado em cada disciplina deve estar inteiramente fundamentado em políticas pedagógicas para essa realidade. “Desenvolvendo atividades que levem em conta o conjunto de dimensões da formação humana” Caldart (2008 P.105). A autora reafirma que isso só será possível se tiver o homem como centro e sujeitos de direitos.

A pedagogia da terra elaborada pelo MST, parte da ideia de integração da escola com a família dos educandos assentados e acampados. Neste sentido, é permitido um vínculo maior por meio das trocas de conhecimentos e o fortalecimento dos laços e do vínculo dos educandos com os assentamentos ou acampamentos do MST e da terra (CALDART, 2008). A manutenção desse vínculo favorece a permanência dos mesmos dentro do movimento e talvez formar futuros líderes, por isso a importância de desenvolver práticas de ensino que trabalhe a partir do contexto vivido enfocando os conflitos estabelecidos no campo reforçando e reafirmando a escola como um espaço de lutas e conquistar políticas e sociais. Sendo de suma importância os educandos ter compreensão desde cedo de que o “campo é um espaço de vida é multidimensional” (FERNANDES, 2006 P29)

No entanto para estabelecer uma escola transformadora, requer uma profunda ligação da teoria à prática. E demanda sem sombra de dúvidas profissionais totalmente capacidade que

consiga refletir e ligar as práticas a vida diária e ao conteúdo dos livros como princípio de formação de cada educando que se faz presente na escola. “Quando se trata de relacionar a teoria com a prática que dizer tudo que envolve o cotidiano a vivência dos sujeitos, estamos falando do meio que vivemos, fazemos, sentimos, pensamos, nosso trabalho, as pessoas” (CADERNO nº 1 do MST). Isso significa que não tem sentido trabalhar outra realidade que não seja a própria realidade do campo.

No entanto é por isso que deve ser discutido a formação de professor preparados e se for possível militantes da causa para trabalhar nessas escolas, pois vão lidar com a realidade do campo. “É preciso que o professor entenda a realidade na qual as escolas estão inseridas na contemporaneidade, além de compreender o processo histórico da educação do campo” (SILVA; DIAS, 2017 P.283). Hoje há muitos professores no campo com dificuldades de formação teórica, metodológica e de trabalhar com as questões agrárias, ou seja, dificuldades de compreensão do que é o campo e como consequência não consegue contextualizar e articular a educação ao trabalho.

Por esse e outros motivos ainda existe muitas escolas no campo que não trabalham com essa perspectiva, mas sim com uma educação criada para o campo baseado no modelo urbano. Portanto, o interesse da pesquisa parte das perspectivas discutidas acima, com interesses voltados para os desafios da atualidade em relação aos saberes dos discentes nas escolas da terra.

CONCLUSÃO

A educação do campo é um direito conquistado por ação de movimentos sociais que estão à frente da luta por uma educação digna no campo. No qual a constituição garante este direito. O trabalho buscará exatamente a compreensão desse contexto político, social e também cultural no qual devem ser compreendidos e analisados, já que envolve um espaço diversificado que deve ser compreendido a partir do coletivo que forma e transforma os sujeitos.

No qual requer reflexões a cerca dessa realidade e como está sendo trabalhado a identidade dos discentes nesta escola do campo, visto que ainda existe uma emergência de políticas pedagógicas eficazes e autônomas que contemplem esse espaço de forma satisfatória. Buscando incessantemente envolver dentro das escolas uma educação que contemplem todo o conjunto que envolve o cotidiano e a história dos sujeitos do campo. Isso requer práticas educacionais que afirme e reafirme essa realidade. Porém, isso só será possível se houver educadores devidamente preparado para atuar neste contexto educativo que esteja por dentro das questões que remete ao campesinato, que envolve as questões agrária, políticas e sociais. Sendo importante ações que visam introduzir conteúdos, práticas e atividades simbólicas próximas do cotidiano, que venham a colaborar com o desenvolvimento dos assentamentos e que sejam construtivas.

REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete. A escola do campo em movimento. A educação básica e o movimento social do campo. Por uma educação do campo/Miguel Gonzalez Arroyo Roseli Salete Caldart, Monica Castagna Molina (organizadores).3. ed.-Petrópolis, RJ: Vozes,2008.

CADERNO DE EDUCAÇÃO. Como fazer a escola que queremos. Porto Alegre, MST, n.1, 1992

CADERNO DE EDUCAÇÃO. Princípios da educação do MST. Porto Alegre, n.8, 1997.

FREIRE, Paulo Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire.
– São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

FERNANDES, Bernardo Mançano. Os campos da pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais. Educação do Campo e pesquisa: questões para reflexão / Organizado por Molina, Mônica Castagna. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Agrário.. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. 152 p.; 21 x 28 cm.

_____. Ministério da educação. Conselho Nacional de Educação - Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, 2001.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Escola do campo. Dicionário da Educação do Campo. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SILVA, Regina Cely nogueira da, DIAS, angélica de Lima. A educação do campo e a formação do professor. Prática geográficas: experiência de pesquisa e ensino de geografia no estado da Paraíba. / Rafael Albuquerque Xavier, Lidiane rodrigues Lopes ramos Reinaldo, João damasceno (organizadores). -Campina grande: EDUEPB,2017.7500 KB.298P.; il